

DESENVOLVIMENTO

Os pandas inúteis e as ditaduras dinâmicas

Países fazem escolhas, e do presente constróem o seu futuro. Por **João Carlos de Oliveira**, para o **Valor**, de São Paulo

"Falsa Economia - Uma Surpreendente História Econômica do Mundo"

Alan Beattie. Tradução de Diego Alfaro. Zahar. 293 págs., R\$ 39,00

Em "Falsa Economia", Alan Beattie, editor da área internacional do "Financial Times", desfila opiniões peremptórias e, por vezes, polêmicas e desconcertantes. Não lhe faltam convicções. A principal delas é que não há destino, mas, sim, o resultado de escolhas. Por isso, certos países dão-se melhor que outros na busca de caminhos para o desenvolvimento.

Algumas das opiniões de Beattie, economista que já trabalhou no Banco da Inglaterra, são mesmo interessantes. É o caso da ideia de que o Egito faz bem em impor

tar alimentos, porque isso significa também importar a "água embutida" para que eles fossem produzidos. É também o caso do capítulo sobre mudanças no cenário urbano mundial provocadas pela globalização. Na África, migrantes miseráveis buscam nas cidades um aparato mínimo de serviços públicos, enquanto, noutras partes, cidades globais prosperam exatamente porque servem de palco para a integração de mercados internacionais.

Mas há outras ideias que chegam a ser cruéis, apesar de Beattie parecer gostar de mostrar-se apenas objetivo, racional e realista. Em sua opinião, por exemplo, os pandas merecem ser extintos. Sim, aqueles ursos pretos e brancos,

simpáticos, comedores de bambu, entraram no que ele descreve como "um beco sem saída evolutivo".

Beattie admite que a causa direta para que o animal esteja ameaçado é o fato de o ser humano ter destruído seu habitat. Contudo, a razão fundamental para se considerar o panda como um bicho inútil e vulnerável é a sua "incompetência para consumir (praticamente, só comem bambu, o que os confina a um habitat restrito) e se reproduzir". Tudo parece se resumir, então, a um axioma: deve morrer (ou ser extinto) quem não é capaz de sobreviver por seus próprios meios. Ou, não vale a pena gastar dinheiro para manter vivo um animal que é inútil e inadaptado às exigências de novos tempos.

O panda é uma metáfora para o

que Beattie chama de "dependência da trajetória". Ou seja, os caminhos que se abrem no presente a sociedades e economias — países, enfim — dependem dos caminhos que as trouxeram até aqui. De maneira que é possível, como acontece com os pandas, escolher um caminho errado e ficar "preso" a ele.

Existem exemplos históricos dessa evolução que parece ser fruto apenas da inércia. É claro que existem sistemas e modelos que, agora, para serem mantidos, acabam exigindo artifícios, como a adoção de subsídios, políticas governamentais de defesa etc. Mas, se é preciso subsidiá-los é porque deveriam estar extintos, já que são ineficientes para sobreviver por sua própria conta e risco. É exata-

mente nisso que Beattie acredita. A eficiência deveria ser a única e verdadeira prova dos nove — e ela emerge da concorrência o mais aberta possível. Em resumo, pandas, subsídios ou mesmo políticas nacionais de substituição de importações para indústrias nascentes deveriam ser rapidamente extintas, sem dó nem piedade.

Outra ideia de Beattie é a de que a corrupção e a tirania, desde que na combinação corretas, convivem perfeitamente com crescimento econômico. Ele acha que esse foi o caso das três décadas em que o poder na Indonésia esteve nas mãos do general Hadji Mohamed Suharto, famoso por sua agressiva política de extinção de opositores.

Segundo o jornalista, a corrupção no governo Suharto, por ter uma coordenação nacional, tornou-se apenas uma espécie de imposto e acabou sendo absorvida pelos investidores. Ou seja, a corrupção que atrapalharia é apenas aquela que é desorganizada e descentralizada.

Nesse caso, o axioma é feroz: as ditaduras, porque centralizam a corrupção, não atrapalham o

crescimento, desde que tenham um programa capaz de atrair investidores. O contraponto a Suharto é dado por Julius Nyerere, homem honesto que desenvolveu um tal de “socialismo africano” na Tanzânia, sem sucesso.

Esse ângulo do pensamento de Beattie já teve muitos adeptos nestes trópicos. Argumentava-se que a ausência de democracia havia permitido aos chilenos promover um ajuste supostamente mais eficiente e amplo da economia. Tudo se passaria, enfim, como se a economia fosse exclusivamente um balancete ou uma conta de chegada. Não é. Exatamente por isso, um dos capítulos mais interessante (para os brasileiros) é o que compara o desenvolvimento e as escolhas de Argentina e Estados Unidos.

No final do século XIX, os dois países navegavam, bem-sucedidos, na primeira onda de globalização. Eram jovens, dinâmicos, com terras férteis e exportadores. Depois, como resultado de suas escolhas, um se tornou a maior economia do planeta e o outro perdeu o rumo.

Beattie não lista um só motivo para isso, mas cita alguns pontos que ajudam a entender como foi, afinal, escolhido o destino desses países. Ele lembra, por exemplo, que os dois avançaram para o Oeste, mas de maneira distinta. Os Estados Unidos favoreceram os posseiros e estimularam um sistema de pequenas propriedades familiares, enquanto a Argentina apoiou os grandes proprietários. A expansão americana foi, assim, na avaliação de Beattie, mais democrática.

Um segundo diferencial foi o fato de que os americanos investiram seus próprios recursos na industrialização, desde o início, enquanto a Argentina tomava empréstimos dos britânicos. Beattie afirma que se o Sul (agrário) tivesse ganhado a Guerra Civil do Norte (industrial), os Estados Unidos seriam provavelmente mais parecidos com a Argentina.

Por fim, para retomar a história dos pandas, Beattie considera que o empurrão derradeiro da Argentina para baixo foi dado pela política de substituição de importações, comandada pelo corporativismo peronista.



Suharto, ditador indonésio: exemplo de corrupção e tirania em receita bem-sucedida de crescimento econômico